

O ENSINO DA DANÇA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM OURO PRETO ¹

Simone do Carmo Silva
Universidade Federal de Ouro Preto/MG- Brasil
simonedcarmo@hotmail.com

Juliana Castro Bergamini
Universidade Federal de Ouro Preto/MG- Brasil
jucbergamini@gmail.com

Resumo

A proposta da Educação Física Escolar, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) é trabalhar a diversidade de manifestações da cultura corporal de movimentos, entre elas a riqueza de estilos e possibilidades de expressão em dança. Contudo, é comum observarmos no cotidiano escolar da disciplina Educação Física a hegemonia de alguns jogos populares e esportes, em detrimento dos outros conteúdos. Esta pesquisa teve como objetivo diagnosticar e analisar o ensino da dança, nas aulas de EFE de até três escolas de Ensino Fundamental Anos Iniciais na cidade de Ouro Preto/MG, segundo discussão no PCN- Educação Física. É utilizada a abordagem qualitativa do tipo descritiva, pautada na pesquisa documental e pesquisa de campo com aplicação de entrevista semiestruturada. Observa-se que o ensino/prática da dança no contexto escolar ouro-pretano se apresenta ou pautado no padrão veiculado em mídia ou restrito a um estilo específico, lidando com reproduções de movimentos com vistas às apresentações em datas comemorativas, e em ambos os casos desvinculados de uma proposta educativa. Isso aponta precariedade no ato educacional na disciplina educação física, negligência sobre os conhecimentos oriundos desse conteúdo da EFE, desconsideração ao direito e à autonomia dos discentes, e imprudência sobre a legitimidade de descobertas individuais inerentes às propostas educativas através da dança.

Palavras Chaves: Dança, Educação Física Escolar, Corpo, Ouro Preto

Introdução

Os documentos intitulados Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's² foram elaborados com o intuito de renovação e reelaboração da proposta Curricular, visando fornecer “um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País”, segundo o Ministério da Educação e Desporto (BRASIL, 1997).

Nesse documento referente à Educação Física trata os conteúdos³: jogos e brincadeiras, esporte, dança, ginástica e luta, possíveis de serem trabalhados no contexto escolar, favorecendo o trabalho dentro de uma diversidade cultural de representações de corpos e práticas corporais singulares. Corroborando com Ferreira e Lucena “na escola, a Educação Física deve tratar dos conhecimentos que envolvem a cultura corporal sistematizando e reconhecendo a contribuição que este pode construir na interação dele em si e com outros conhecimentos possibilitando novas sínteses” (FERREIRA et al, 2009: 4538). Assim a proposta do PCN para a Educação Física Escolar (EFE), é trabalhar a diversidade de manifestações da cultura corporal de movimentos, entre elas a riqueza de estilos e possibilidades de expressão em dança.

Esta pesquisa objetivou diagnosticar e analisar o ensino da dança no contexto global da realidade ouro-pretana de até três escolas da rede pública e particular do Ensino Fundamental, segundo discussão no PCN- Educação Física, respeitando o conhecimento específico dessa área e suas contribuições para a formação integral do aluno nas aulas de Educação Física.

Os passos metodológicos

Essa pesquisa orientou-se pela abordagem qualitativa do tipo descritiva, subsidiada pelos procedimentos da pesquisa documental e pesquisa de campo, com realização de entrevista semiestruturada.

Apesar de contatadas vinte (20) escolas no território ouro-pretano, apenas duas (2) atenderam os critérios previamente estabelecidos. Entre os critérios para inclusão da escola nesse estudo, analisamos o documento Planejamento Anual de Educação Física, no que tange a presença do conteúdo dança. Isso nos trouxe uma resposta sobre o panorama geral da disciplina Educação Física

em Ouro Preto: suas atividades restringem-se à prática do futebol e pique-pega, variedade dos esportes, jogos e brincadeiras pouco acontece, a dança é pouco trabalhada, normalmente ocorre para cumprir festividades das datas comemorativas no calendário escolar, ginástica, principalmente na parte de aquecimento e alongamento, e o conteúdo luta praticamente inexistente. Outro critério foi a formação do professor da disciplina, o qual deveria ser graduado em Educação Física ou ser efetivo no cargo docente de Educação Física no mínimo 14 anos (Lei nº 9.696/98). Nesse critério houve uma resposta negativa na realidade da disciplina Educação Física nas escolas estaduais, decorrente da Resolução 2.253/2013 da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, a qual dispõe a componente curricular Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental sob a responsabilidade do professor regente. Impacto imediato foi o ajustamento do professor de Educação Física, para a condição de Professor Excedente, não atuante nos Anos Iniciais (MINAS GERAIS, 2013).

Dançando na escola!

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). (BRASIL, 1997a: 24)

A dança é classificada como um conteúdo uma das atividades rítmicas e expressivas que se constitui nessa cultura corporal de movimento com uma riqueza de estilos e possibilidades de expressão. Contudo, é notável no cotidiano escolar da disciplina Educação Física a hegemonia de alguns jogos populares e esportes⁴, respectivamente os vários tipos de pique pega e o futebol, em detrimento dos outros conteúdos, como também de outras possibilidades de jogos e modalidades esportivas.

O conhecimento proveniente da dança é um direito constitucional⁴ declarado no art. 4, do aluno matriculado no Ensino Fundamental, que assegura formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais, fixados em conteúdos mínimos para o ensino fundamental (BRASIL, 1988), o que vem sendo negligenciado ano após anos.

Strazzacappa aponta que a dança na escola é tratada “ora como complemento das aulas de música, sobretudo quando se estudam as manifestações populares, ora como conteúdo da Educação Física, quando aparece nas comemorações cívicas, do calendário escolar” (STRAZZACAPPA, 2003:74). Essa realidade é decorrente da não existência da disciplina Danças no currículo obrigatório da Educação Básica⁵ no Brasil, e desse modo, os meios de torná-la acessível no ambiente escolar é efetivá-la como conteúdo da disciplina Educação Física ou mesmo como uma das linguagens da disciplina Artes, conforme sugerido pelos PCN’s Educação Física (BRASIL, 1997a) e Artes (BRASIL, 1997b), ou em projetos extracurriculares de caráter facultativo, o que não é uma realidade nas escolas de Ouro Preto.

Nas aulas de Educação Física, em Ouro Preto, a dança, quando se é trabalhada no Ensino Fundamental, geralmente se apresenta estigmatizada ou pela justificativa de desenvolvimento de habilidades motrizes e rítmicas, ou no melhor entrosamento social pela prática de ‘danças urbanas⁶ ou o apelo coreográfico de apresentações em datas comemorativas’. Em quaisquer desses casos, a vulgar repetição de movimentos padronizados, estereotipados, influenciados e mesmo determinados pelo ritmo musical divulgado na mídia, determina sua ‘inação’ educativa, objetivando suprir principalmente o rol de atividades em datas comemorativas do calendário escolar. Um exemplo bem a contento, são as tradicionais Festas Juninas⁷, para a qual os professores de Educação Física são convocados a montar a Quadrilha⁸ e outros estilos de danças para apresentação numa data prevista, mobilizando toda a escola e comunidade escolar com objetivo principalmente financeiro. Nesse caso, a dança é o principal instrumento de entretenimento dessas festas.

Apesar de ser difundida em associação com a música, cuja ideia coloca a dança existente mediante o fenômeno musical, a dança existe por si mesmo, é em si uma expressão interna, autônoma e, portanto, silenciosa e universal. A simbologia que a dança guarda em seus gestos e movimentos, propicia a leitura semiológica determinada pela cultura de origem, assim, a dança mais que uma representação estética, é uma manifestação provida de muitos

significados e diversas interpretações, exigindo dessa forma, uma compreensão sociocultural e semiológica da realidade do 'educando dançador'. Entretanto, na realidade ouro-pretana a música é essencial, e dita o quê e até mesmo como se vai dançar. Nessa concepção, os ritmos musicais: funk, hip hop, axé, 'fórró universitário', os ritmos mais midiáticos que definem a referência social determina não somente a dança trabalhada, como também os passos da dança em sequências pré-estabelecida, e caso o professor tenha familiaridade com as danças folclóricas, também essas passam a integrar o quadro de atividades, porém com a mesma proposta de composição coreográfica construída pelo professor, assim passos do frevo, do côco, do carimbó são coreografados e ensaiados com base em movimentos quantificáveis, não necessariamente em sintonia com a marcação rítmica da música escolhida. Tanto desse modo como no outro, a dança perde em sua liberdade de execução. Não é negar a dança de referência social, mas os objetivos desta não devem sobrepor aos objetivos da dança no ambiente escolar, como está descrito no PCN- Educação Física "o aluno deve aprender, para além das técnicas de execução, a discutir regras e estratégias, apreciá-los criticamente, analisá-los esteticamente, avaliá-los eticamente, ressignificá-los e recriá-los" (BRASIL, 1997a:24).

Alguns professores da rede pública ouro-pretana participaram no Projeto Novos Talentos⁹ de oficinas que trabalhavam as danças folclóricas. Como resposta a esta iniciativa, foi possível perceber na Festa Junina nos anos de 2012 e 2013, que houve uma abertura para as danças não mais atreladas às músicas da mídia, como era recorrente. Em várias escolas foram crescente as apresentações de coreografias tradicionais das diversas regiões do Brasil, como o carimbó, pezinho, a brincadeira siriri mandaia, entre outras. Essa resposta foi bastante interessante ao Projeto Novos Talentos, pois se antes não se trabalhava as danças folclóricas por não ter conhecimento, ou por não saber dançar, como foi comentado por alguns professores, hoje é mais uma conhecimento a ser mediado, e mais uma ferramenta didático- pedagógica a ser trabalhada, desde que ressignificada para a realidade escolar e não limitada à transmissão dos passos em séries coreografadas.

Essa ação desenvolveu, direta ou indiretamente, uma resposta em cadeia, ao promover uma abertura da comunidade escolar para conhecer essas manifestações, veio exigir dos participantes e do público uma educação estética, simplesmente porque “o respeito com que são ou não tratadas essas criações, influencia diretamente na formação desses indivíduos” (STRAZZACAPPA, 2003: 83), sejam eles os discentes ou seus pais.

Estudos indicam os benefícios do ensino de dança na escola, e seu grande potencial no desenvolvimento da autopercepção e autoconhecimento, e é uma proposta que precisa ser desenvolvida com maior excelência nas escolas de Ouro Preto. A aquisição do movimento em dança favorece, conforme o PCN (BRASIL, 1997b), a análise de suas qualidades expressivas¹⁰; o conhecimento de algumas técnicas de execução de movimentos e seus usos em improvisações, montagem coreográficas, e, por fim, de adoção de atitudes de valorização e apreciação dessas manifestações expressivas.

Considerações Finais

Ao conhecimento técnico na dança, acrescenta-se o domínio do movimento. Nesse contexto, a prática da dança seja no contexto escolar ou social, por mais livre que seja a proposta de criação em dança, possui evidentemente uma técnica¹¹ de execução, provida de habilidades motoras, que é, em si, a base do movimento expressivo, compreendido pela sensibilidade. Ao conhecimento histórico-cultural da dança, acrescenta-se a consciência da natureza social codificada semiologicamente na intenção do movimento. E conseqüentemente, uma ampliação do vocabulário corporal.

Os conhecimentos da dança apresentam essas discussões singulares, entre outras, para o estudo do corpo humano, ao permitir diálogo entre as Artes e a Educação Física tratadas prioritariamente no enfoque das sensibilidades e das habilidades de movimentos, respectivamente. Esse diálogo Educação Física-Artes, e a aplicação dos pressupostos do PCN não é ainda a realidade da maioria das escolas de Ouro Preto, contudo ao se estabelecer as primeiras reflexões sobre esse contexto, tudo se torna possível de transformação. Uma primeira mudança se concretizou através do Projeto Novos Talentos, e outras

tantas são possíveis com iniciativas e propostas educativas sobre a criação de movimentos, respeitando os conhecimentos inerentes à dança.

Notas

Pesquisa realizada no Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física, pela Universidade Federal de Ouro Preto/ 2013.

² A coleção 'Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's' para o Ensino Fundamental séries iniciais é composta por dez volumes, organizados da seguinte forma: um documento Introdução; seis documentos referentes às áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física; e três volumes com seis documentos referentes às questões sociais intituladas 'Temas Transversais': Ética; Pluralidade Cultural e Orientação Sexual; Meio Ambiente e Saúde.

³ Designado na abordagem Pedagógica Crítico Superadora do Coletivo de Autores, esses 'conteúdos', constituem a "Cultura Corporal de Movimento", diretriz dos conhecimentos a serem selecionados e sistematizados didáticos pedagogicamente na EFE.

⁴ Para maiores informações sobre Hegemonia do Esporte na EFE, Ver: 'Educação Física no Brasil: a história que não se conta', de Lino Castellani Filho (1988); 'Educação Física e Sociedade', Mauro Betti (1991); 'Em Educação Física e Aprendizagem Social', Valter Bracht (1992); 'O Saber e o Fazer Pedagógicos: a Educação Física como Componente Curricular...? Isso é história!' Souza Júnior (1999); 'A Reinvenção do Esporte: possibilidades da prática pedagógica', Assis de Oliveira (1999).

⁵ A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional-1961 (LDB/61) regulamenta o ensino de Artes (nas quatro linguagens artísticas: artes visuais, dança, teatro e música) como componente curricular obrigatória na Educação Básica.

⁶ Compreende aos segmentos da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

⁷ Termo trabalhado no PCN- Educação Física (BRASIL, 1997a), e refere-se aos estilos: rap, funk, break, pagode, danças de salão.

⁸ Dança Folclórica Brasileira de origem portuguesa, mais popular nas regiões nordeste e sudeste do Brasil.

⁹ Projeto Novos Talentos, subprojeto Corpo e Movimento -2010/2011/2012, ofertado pela UFOP, foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e vinculado a ação UFOP com a Escola. Entre outras atividades, ministra oficinas para professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio de escolas da rede pública, objetivando permitir aos mesmos a apropriação do conteúdo danças folclóricas como ferramenta pedagógica.

¹⁰ Embora não citado diretamente no PCN's Educação Física e Artes, 'a qualidade do movimento' tem correspondência na percepção sinestésica e cinesfera do corpo, discutida

juntamente à Teoria dos Fatores de Movimento de Laban: peso, fluência, tempo e espaço. Ver: LABAN, R. Domínio do Movimento ULLMANN, L. (org). São Paulo: Summus. Ed. 1978.

¹¹ Ver MAUSS, Marcel (1974) As técnicas corporais. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, Vol.II. 1974

Referências

BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais- Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF 1997.

_____ Educação Física. Brasília: MEC/SEF 1997a.

_____ Artes. Brasília: MEC/SEF 1997b.

_____ Constituição Federal/88, de 5 de Outubro De 1988 -(D.O. 05/10/1988)

LUCENA, R.F e FERREIRA, R. C. B. (2009) O esporte como prática hegemônica na educação física: De onde vem esta história? In: http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/415RitaClaudia_e_RicardoLucena.pdf

MINAS GERAIS, Secretaria de Educação do Estado. Resolução SEE nº 2253, de 9 de janeiro de 2013.

STRAZZACAPPA, M. Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas. Revista: Pensar a Prática 6: 73-85, Jul./Jun. 2002-2003.